



## **A INFLUÊNCIA DO HIGIENISMO NA FORMAÇÃO DOS ASSISTENTES SOCIAIS GAÚCHOS (1945-1954)**

**Graziela Scheffer**

**Inez Rocha Zacarias**

**Jéssica Flores Mizoguchi**

**RESUMO:** O trabalho que segue analisa os primeiros anos da Escola de Serviço Social de Porto Alegre (ESSPOA), enfatizando as influências teórico-filosóficas da formação profissional e a aplicação métodos de trabalho a partir da análise dos trabalhos de conclusão de curso entre os anos de 1945 à 1954. A formação profissional na ESSPOA nesta época se desenvolveu a partir de perspectivas importadas dos modelos franco-belgas, do Serviço Social norte-americano, assim como constatou-se a influência higienista/sanitarista. Conforme a análise dos TCC's da escola neste período, o conteúdo dos mesmos ilustra a forte influência dessas perspectivas na abordagem sobre o trabalho profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Serviço Social; Fundamentos; Escola de Porto Alegre.

### **1. INTRODUÇÃO**

O estudo que segue analisa a história da Escola de Serviço Social de Porto Alegre, com ênfase nos fundamentos teórico–metodológicos e análise dos Trabalhos de Conclusão no período 1945-1954. A pesquisa teve como base o exame dos arquivos históricos da PUCRS, abarcando a sistematização de documentos como a proposta curricular, planos e relatórios de disciplinas do período histórico em tela, juntamente com a revisão dos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos entre os anos de 1948<sup>1</sup> a 1954. Para subsidiar a análise dos dados quanto à formação profissional na ESSPOA, desenvolveu-se uma articulação com a tese de doutorado intitulada “Serviço Social, Formação Brasileira & Questão Social: na cadência do pionerismo carioca” (SCHEFFER, 2015), assim como com os resultados da pesquisa “Serviço Social, memória e Reconceituação latino-americana: antecedentes e expressões na escola de Porto Alegre” (SCHEFFER, CLOSS e ZACARIAS, 2017), onde constatou-se, na constituição da Escola de Porto Alegre, a influência higienista sob a interlocução com Instituto Social. Acredita-se que essa interlocução ocorreu devido ao trabalho desenvolvido pela a pioneira Aylda Reis, que foi diretora do Instituto Social no Rio de Janeiro e que teve participação na formação dos assistentes sociais gaúchos na vigência do primeiro currículo.

Entendemos que recuperar a história das bases pioneiras do Serviço Social gaúcho é fundamental para capturar a processualidade da ruptura com conservadorismo, pois foi na

---

<sup>1</sup> Data de conclusão da primeira turma de assistente sociais na Escola de Porto Alegre.



Escola de Porto Alegre que se materializou a organização do primeiro Seminário Latino-americano (1965), lançando as bases questionadoras da profissão no continente, impulsionando o Movimento de Reconceitualização. Ressalta-se, contudo, que muitos autores reconceitualizadores criticaram a “presença higienista” a partir da concepção da formação paramédica no Serviço Social, que subordinava o exercício profissional aos problemas de saúde circunscrita no método do caso.

## 2. O LEGADO ESTRANGEIRO NA FORMAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: A INFLUÊNCIA HIGIENISTA

Os legados estrangeiros que marcaram o Serviço Social brasileiro foram os modelos franco-belga e o norte-americano, cadenciados por um processo de sincretismo teórico, ideológico e prático. O sincretismo do Serviço Social, imbricado na gênese das correntes européia e norte-americana, penetrou na profissão no Brasil (NETTO, 2005). No Serviço Social Brasil, a “conjunção” franco-belga esteve sintonizada com o neotomismo da ICAR, acompanhada pelo debate higienista atrelado aos intelectuais da saúde, do direito e da educação. Tal fato reafirma que a profissão se institucionaliza e se legitima, extrapolando a Igreja, quando a esfera estatal centraliza a política assistencial via prestação de serviços sociais por grandes instituições, que emanaram os pilares da legitimação do fazer profissional ligado ao controle social do próprio Estado e à classe dominante (IAMAMOTO, 2000).

Sobre as concepções dos três modelos estrangeiros, estes são apresentados por Maria Esolina Pinheiro em 1939. A princípio, tem-se a concepção da escola belga propagada no Brasil na mesma época, qual seja:

O Serviço Social (belga) é uma forma de atividade que, por meios técnicos apropriados, procura organizar o funcionamento normal dos quadros sociais, necessários ao homem quando este não esteja em condições de fazê-lo por si. Noutros termos, o Serviço Social é conjunto de trabalho social coordenado e metódico, exercido por agentes preparados (PINHEIRO, 1939-1985, p. 18).

Na vertente belga, atenta-se para a ênfase na função do profissional como mecanismo de normalização do indivíduo. Logo, conclui-se que, na vertente apresentada à época, os indivíduos patológicos eram o objeto onde se incidia a prática profissional. Na vertente francesa, como destaque tem-se a intervenção na família como papel dos Assistentes Sociais, conforme se segue:

Armand Delille, presidente de várias associações francesas de Serviço Social, tem sobre o assunto esta feliz interpretação: “Para o empreendimento de todo trabalho de reconstrução, é preciso procurar e revelar os sentimentos de responsabilidade e solidariedade que existem em estado latente na maior parte dos indivíduos, é preciso à família, base fundamental de toda eficiente reconstrução social, coesão, desenvolvendo o amor do lar, o gosto pela vida do lar [...] (PINHEIRO, 1939-1985, p.



18).

Segundo Almeida (1983), o modelo franco-belga se deu no início do século XX, com base na realidade nacional, que expressava reivindicações da classe operária frente às condições subumanas refletidas nos aspectos biológico, afetivo e espiritual. Tal modelo se concentrou na área dos serviços médicos e nas empresas, criando a função de superintendente de fábrica. Foi trazido ao Brasil por Melle de Lonneux (Bélgica) – que influenciou a Escola Paulista – e Melle Marsaud (França) – que inspirou a Escola Carioca, o Instituto Social e Familiar. Conforme a mesma autora, a vertente francesa se pautava no servir e era portadora da mensagem da comunidade cristã de ação social à classe pobre, de modo que o processo de tropicalização à realidade brasileira deu origem, no Brasil, ao denominado Modelo de Ação Social. Portanto, o modelo franco-belga foi sincretizado na formulação da “Ação Social” que se estruturava na lógica “Ver -Julgar – Agir”. Entretanto, a autora também relata que a partir de 1945, o Modelo de Ação Social sofreu modificações oriunda dos modelos norte-americanos.

No Brasil esta tendência apresenta-se de forma contundente na constituição da Escola de enfermagem e Serviço Social da Ana Nery (1937). Vasconcelos (2002), em seu estudo *O Movimento de Higiene Mental e a Emergência do Serviço Social no Brasil e no Rio de Janeiro*, demonstra um atravessamento na formação profissional de um conjunto de saberes e práticas na constituição da profissão, oriundos tanto da vertente doutrinária católica quanto do movimento de higiene mental. Para aquele autor, tal combinação gerou uma forte ênfase nos aspectos individuais e psicológicos de problemas cuja natureza referem-se a dimensões políticas, sociais e econômicas. Além disso, gerou uma estratégia de hiperpsicologização e individualização normatizadora e moralizadora da força de trabalho e da população, como estratégia de Estado, das elites empresariais, da Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR e da corporação médica.

A partir de 1945 se consolida a americanização do Serviço Social brasileiro, quando se inaugurou a famosa trilogia Caso, Grupo e Desenvolvimento de Comunidade – período em que se conviveu simultaneamente com debates brasileiros e latino-americanos sobre o subdesenvolvimento e desenvolvimento, que serviram de inspiração para a tropicalização. Segundo Vasconcelos (2002) com advento da Segunda Guerra Mundial promoveu mudanças no Serviço Social norte-americano com a inserção da Psicanálise, alicerçada na Psicologia do Ego, que aprofundou o higienismo mental. Lembrando que após os horrores guerra na Europa e nos EUA surgiram inovações críticas nos debates teóricos e nos modelos de cuidados na saúde mental (Comunidade terapêutica, psiquiatria preventiva, psiquiatria de setor, psiquiatria democrática). Tal desdobramento verifica-se em Porto Alegre



na criação em 1957 do Centro Psiquiátrico Melanie Klein do Hospital Psiquiátrico São Pedro, que contou com a forte presença dos Assistentes Sociais gaúchos. O centro foi importante uma referência nacional na formação de psiquiatras e assistentes sociais por se constituir em um novo modelo de formação psiquiátrica, com forte ênfase psicanalítica, sendo oferecida formação em psicoterapia individual e em grupo.

A influência norte-americana na profissão se deu via intensificação dos intercâmbios com bolsas de estudos ligados à Política norte-americana da Boa Vizinhança do período. Grande parte das Assistentes Sociais que participaram dos intercâmbios até 1945, tiveram suas experiências ligadas às práticas humanitárias na Segunda Guerra Mundial. Elas iniciavam cursos nos EUA e seguiam para a Europa para capacitação para a guerra, como parte da equipe de cuidados dos soldados e das vítimas de guerra nas sedes dos serviços de proteção e nos hospitais. No período supramencionado foi introduzido o Serviço Social de Grupo e Organização de Comunidade e Pesquisa.

Conforme o relato das pioneiras é possível observar a dificuldade de “lidar” com o novo referencial psicossocial. Neste sentido, acredita-se que a perspectiva do *Social Work* entrava em “choque” com o lastro franco-belga “tropicalizado” da profissão, cuja intervenção era polivalente, centrada na família, em especial, na criança e na mulher, de cunho humanista. Conforme Almeida (1983) houve a partir de 1956 uma problematização sobre os modelos (franco-belga e norte-americano), iniciou-se a recusa de operacionalizar o desenvolvimento de comunidade (DOC- Desenvolvimento e Organização de Comunidade) preso a um modelo elaborado pela ONU. Tal tentativa não agradou e provocou reação do grupo que orientava os programas.

É possível verificar, conforme o exposto, dois aspectos nesse momento marco de rebeldia das pioneiras, a saber: 1) Por meio das ações de Desenvolvimento de Comunidade tentou-se “aplicar” os ideais do nacional desenvolvimentismo, acarretando em maior proximidade com as discussões da realidade regional e nacional; e, 2) O trabalho profissional comunitário ampliava as possibilidades do caso individual da saúde higienista para a melhoria global do grupo e da comunidade, vinculada à participação dos grupos e líderes ativos, movidos pelo bem comum. Consequentemente, no debate profissional, surgiu a necessidade de criação de estratégias que pudessem instrumentalizar a ação profissional, para o enfrentamento de pautas nacionais, tais como: democracia, eleições, saúde pública, educação, imigração, legislação trabalhista etc.

Após 1945, no Brasil, a leitura da questão social saiu da versão higienista biologista para assumir o discurso do subdesenvolvimento econômico e do analfabetismo do povo, chegando a agregar críticas políticas na perspectiva da transformação social. Portanto, o



higienismo na profissão sofre um redimensionamento para a educação “sanitarista”, na qual a concepção de saúde pública e o padrão de vida dependiam diretamente da educação. A intelectualidade brasileira estava ancorada na visão de mudança associada às ideias do nacional-desenvolvimentismo, propugnado pelos integrantes do ISEB<sup>2</sup>. Os ibesianos “privilegiaram a história que está por ser feita, a ação social, e não os estudos históricos; por isso, temas como projeto nacional, intelectuais, se revestem para eles de uma dimensão fundamental” (ORTIZ, 2006, p. 46). Nesse cenário de transformação política e econômica após segunda guerra mundial, e de seus desdobramentos na profissão, identifica-se uma transição das concepções e dos modelos profissionais, os quais constituíram os pilares da criação da escola de Porto Alegre, o que veremos no item seguinte.

### 3. A INFLUÊNCIA DO HIGIENISMO E OS MÉTODOS NA ESCOLA DE PORTO ALEGRE

Diferentemente das primeiras escolas do eixo RJ-SP, a Escola de Porto Alegre foi criada em 1945, numa conjuntura de aprofundamento do capitalismo no país e da adequação às mudanças que ocorreram no panorama internacional, em função do término da Segunda Guerra Mundial. Nos antecedentes de sua criação, destaca-se a V Semana de Ação Social realizada em 1944. No evento tem-se a presença de lideranças católicas ilustres, tais como Mario Goulart Reis (engenheiro do SESI), os professores da UFRGS - Ernani Fiori (filósofo), Laudelino Teixeira de Medeiros (economista e sociólogo), bem como do médico e deputado Dr. Carlos de Brito Velho, além da pioneira da profissão Aylida Pereira, representando o Instituto Social do Rio de Janeiro (PUC-RJ). No Rio Grande do Sul, a Doutrina Social da Igreja era fundamentada principalmente pelas Encíclicas Papais e na filosofia do neotomista Jacques Maritain. As concepções de Padre Lebreton no Brasil inserem-se no país em 1947, através da realização do primeiro curso de “Economia Humana”. Mario Reis, membro do movimento de ação social católica na capital gaúcha, foi diretor da Escola do período de 1945 até 1953. Sua gestão esteve direcionada ao incentivo do uso articulado do Grupo com DC pelo Serviço Social. No texto “Discussão em Grupo para Desenvolvimento da Comunidade”, publicado em 1963, Reis destaca a seguinte concepção:

(...) o desenvolvimento, para ser harmônico, autêntico, solidário e democrático, deve se processar á base da discussão em comum dos problemas comuns e da discussão em comum dos problemas correlatos, pelos grupos interessados. (...) despertar a comunidade para querer se desenvolver (dentro para fora) antes de qualquer iniciativa oficial ou particular tende fazê-lo (de cima para baixo), é essencial ao processo de desenvolvimento verdadeiramente democrático. (REIS, 1963, p. 1-2).

---

<sup>2</sup> O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura.



Na citação verifica-se a centralidade articuladora democrática entre trabalho de Grupo e DC. O trabalho profissional com o Grupo e Comunidade buscavam o seu respaldo no exercício de uma prática educativa junto às classes populares voltada ao desenvolvimento do país. O Serviço Social de Grupo no período de 1950 é incorporado nos “programas nacionais de SESI, LBA, SESC, em hospitais, favelas, escolas etc., iniciando-se uma nova abordagem – que se generaliza na década de 1960 – e que relaciona estudos psicossociais do participante com os problemas sociais e utilização da dinâmica de grupos” (IAMAMOTO, CARVALHO, 2006, p 345).

O pensamento católico se renovou após 1945, assumindo a educação enquanto caminho possível de enfrentamento da questão social e de fortalecimento da democracia, principalmente junto aos segmentos da população rural, da Região Nordeste e de favelados do País, que apresentavam índices alarmantes de analfabetismos e pobreza. Portanto, a ignorância do povo e a estrutura dicotômica do Brasil arcaico-moderno era o “verdadeiro problema” da questão social do Brasil. Para o grupo fundador da Escola, que possuía, “uma visão cristã de mundo e uma preocupação especial com as questões sociais.” (BULLA, 1992, p. 236), os problemas sociais enfrentados pela população só poderiam ser resolvidos pela recristianização da sociedade.

Uma concepção de Serviço Social que associava à profissão às ações sociais da Igreja, de cunho missionário, foi herdada do Instituto de Educação Familiar e Social do Rio de Janeiro, através de Aylda Pereira e de Mlle. Germaine Marsaud, esta última diretora técnica do Instituto. Desta forma, a Escola de Porto Alegre passa a receber influência direta do Serviço Social europeu, mais precisamente da França e da Bélgica. Seguindo o pensamento propagado pela Igreja, o Serviço Social segue uma linha de atuação com fortes traços moralistas e idealistas, onde procurava-se uma restauração moral da sociedade, focalizando a sua ação às famílias tanto no espaço privado, quanto no espaço do trabalho. Buscava-se propagar o ideário cristão, combatendo ao mesmo tempo o avanço das ideias liberais e comunistas. O comprometimento com o ideário da Igreja está evidenciado no próprio processo de seleção dos candidatos a alunos da Escola na época da sua criação. Para o ingresso na escola, os candidatos precisavam passar por uma entrevista, onde deveriam comprovar as suas “qualidades morais” (Escola de Serviço Social de Porto Alegre apud Bulla, 1992, p. 244), podendo estes serem não-católicos, mas que necessariamente compartilhassem dos mesmos ideais dessa religião.

Na escola formavam-se profissionais competentes em “servir” a sociedade, mas de modo engajado e científico, ou seja, através de uma caridade científica (KRUG, BULLA, GAZZOLA, 1983). O método transportado da Ação Social para o Serviço Social era o de



“Ver – examinar, estudar a realidade, em todas as suas dimensões; Julgar – avaliar, se era bom ou mau, o que era encontrado na realidade; Agir – adotar o que era bom, afastar o que era mau e trabalhar para modificar a realidade.” (BULLA, 1992, p. 245). Esse era a principal metodologia de trabalho dos assistentes sociais que se revela nos TCC’s defendidos na época. Entretanto, cabe salientar que “no Rio Grande do Sul, as influências franco-belgas foram muito fortes na implantação da escola, mas a inspiração americana se interpôs logo a seguir. Essa nova influência propiciaria, como em todo o Brasil, a passagem de uma postura mais vocacional e apostólica, com bases humanistas e cristãs (...).” (BULLA, 1992, p. 251).

Ressalta-se que a escola gaúcha se constituiu num contexto de transição entre o modelo de Ação Social ao modelo clássico norte-americano. Portanto, a formação gaúcha abarcará essa característica híbrida desses modelos. Segundo os objetivos da formação profissional da escola, conforme documento da época (ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DE PORTO ALEGRE, 1945, p.1), destaca-se a apreensão dos problemas sociais enquanto “deficiências” que deveriam ser sanadas através do trabalho desses novos profissionais:

- a) Levar os que se acham em situação de deficiência social à vida normal; b) Agir nas instituições, leis e costumes, ou nos quadros sociais, para que ofereçam aos indivíduos condições favoráveis à real participação de todos no bem comum; c) Promover investigações no campo social e ampliar a cultura no domínio das ciências sociais com fins práticos.”

Pode-se afirmar que o primeiro objetivo da formação profissional está atrelado a um elemento particular do processo de constituição da Escola de Porto Alegre. Constatou-se, a partir de documentos da época, a participação de psiquiatras gaúchos na fundação da escola desde 1944. Foi inclusive através do movimento destes profissionais que se constituiu o Serviço Social dentro do Hospital Psiquiátrico da capital gaúcha, espaço onde muitos estudantes da escola realizaram o seu estágio. Esse envolvimento de profissionais da área psiquiátrica na fundação da escola se desdobrou também em uma influência no processo de formação, com a inclusão de disciplinas pertinentes às áreas de saúde mental e física.

Conforme documentos da escola analisados, a base curricular nesse primeiro período de funcionamento apresentou um predomínio de disciplinas da área médica. A base curricular estava dividida em quatro grandes áreas do conhecimento, sendo duas pertencentes à área da saúde: Vida Física, Vida Mental, Vida Econômica e Vida Jurídico-social. A área da Vida Física comportava conteúdos referentes a problemas de saúde e doença, alimentação e carências, sub-habitação, higiene social, domiciliar e do trabalho. As disciplinas responsáveis pelo ensino desses conteúdos eram: Higiene e Profilaxia, Higiene Social, Dietética, Patologia, Anatomia, Fisiologia, Puericultura e Técnicas de Enfermagem. Já a área da Vida Mental previa a abordagem de conteúdos como a compreensão do que é o



ser humano, sua natureza e necessidades; a moral a sua repercussão na vida do indivíduo, no meio familiar e social; os problemas de conduta e desordens psíquicas; e problemas educacionais. Esses conteúdos se desdobravam nas disciplinas de Ética, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Higiene Mental e Noções de Psicopatologia, Religião, Ética Profissional e Doutrina Social da Igreja. O influxo dessa perspectiva na Escola de Porto Alegre pode ser explicado pela atuação de psiquiatras na sua fundação e, conseqüentemente na inserção do Serviço Social no Hospital Psiquiátrico, mas também pela influência da medicina higienista no Serviço Social latino-americano na época, através da perspectiva de um Serviço Social para-médico. (GAZZOLA, BULLA e KRUG, 1977).

Além disso, essa influência também pode ter sido reforçada pela experiência prévia da pioneira Aylda Reis na Escola Ana Nery no Rio de Janeiro que, conforme já destacado anteriormente, foi protagonista na fundação da Escola de Porto Alegre. Conforme entrevista realizada com a professora Reis, a mesma destaca a forte presença de conteúdos da área da saúde na formação da primeira turma de assistentes sociais no Rio de Janeiro, devido principalmente ao que ela definiu como um maior desenvolvimento da área da saúde em detrimento da social, devido a inserção desses profissionais nos hospitais,

“Porque no início, nosso curso incluía matérias ligadas à área social e à área da saúde. Nós tínhamos anatomia, fisiologia, higiene, higiene mental, tudo isso era incluído. E era uma parte muito desenvolvida na Escola, tanto que o nosso professor de anatomia era o doutor Piquet Carneiro.” (GOMES e PANDOLFI, 2002, p. 10).

Em síntese, observa-se que o processo formativo, através da análise do primeiro currículo da escola, expressava uma conciliação entre a doutrina social da Igreja e a perspectiva higienista, sendo esta última introduzida via a influência do modelo de formação desenvolvido pelo Instituto Social do Rio de Janeiro, assim como através do grupo de psiquiatras gaúchos que participaram do processo de constituição da ESSPOA.

#### **4. DO MÉTODO DO SERVIR AO CLÁSSICO NORTE-AMERICANO NOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Na escola de Porto Alegre, no período entre 1948 a 1953, foram defendidos 94 TCC's, sendo que a maioria destes (59 de 94) concentrava-se na abordagem de caso, e ainda uma pequena parcela em caso-grupo (7 de 94), seguida por grupo (12 de 94), por DC (6 de 94) e pela combinação de grupo-DC (4 de 94), com uma pequena incidência de outros temas (3 de 94) e pela combinação dos três métodos (1 de 94), sendo que dois trabalhos não foram localizados no acervo. Entre os trabalhos de caso e caso-grupo a maioria deles concentra-se na área da infância e família (21 de 66), seguida pela prática em hospital (16 de 66). No âmbito da abordagem de grupo, metade concentra-se na área escolar com ênfase



para a infância (6 de 12), seguida pela prática nas grandes instituições assistenciais criadas no período como o SESI e a LBA (3 de 12). No que se refere aos trabalhos de grupo-DC e DC (10 de 94), esses concentram-se no SESI (4 de 10) e no âmbito rural (4 de 10).

Em relação análise qualitativa dos TCCs destacamos três profissionais<sup>3</sup> que exerceram protagonismo importante na condução da escola nos anos seguinte. Notburga Rosa Reckziegel, que abre o seu TCC com uma citação de Pio XII, apresenta como tema o *Serviço Social de Imigrantes*, a partir de sua experiência de estágio realizado junto a uma Hospedaria de Imigrantes, mantida pela Igreja Católica e localizada na capital gaúcha. Conforme seu próprio relato, essa experiência contou com a participação da Juventude Universitária Católica, organização que se constituía em um importante braço da Ação Social, principal organização leiga católica da época. O trabalho retrata o esforço em atribuir uma cientificidade à profissão, através do uso de técnicas de trabalho que poderiam promover uma desvinculação das atividades realizadas por leigos, sem perder de vista o projeto católico. Para isso, a autora defendia como base de conhecimento para o assistente social a compreensão profunda do seu campo de ação e de todos os aspectos que permeiam o objeto em questão. Associada a técnica, a autora tece uma defesa do que chama de princípios para respaldar a técnica: “A técnica é um método de ação. Toda ação é informada por princípios; abrindo mão dos mesmos, falhará.” (RECKZIEGEL, 1950, p. 65). Desta forma, faz a defesa da aplicação da técnica “Ver-julgar-agir”, seguindo os princípios da moral cristã.

Informada pelo espírito do humanismo-cristão – espírito do Serviço Social católico - com conhecimento profundo do seu campo de atividade (com todos os seus recursos e deficiências) estará a assistente social de imigrantes capacitada (e tanto melhor, quanto mais souber aproveitar-se das experiências alheias já existentes no mesmo) a aplicar os métodos fundamentais do Serviço Social, cada um àquela situação, exatamente, que o exigir. (RECKZIEGEL, 1950, p. 65).

Ainda no trabalho, a mesma relata seu esforço na aplicação do que chama de método do Caso Individual, que tinha como objetivo resolver os problemas pessoais ou familiares dos imigrantes. No plano apresentado, havia o intuito de também aplicar o Serviço Social de Grupos, o que não ocorreu, conforme o seu próprio depoimento. Por fim, Reckziegel apresenta uma avaliação do serviço onde atuou e uma proposta de criação de um Serviço Social do Imigrante na cidade de Porto Alegre para atender essa demanda. Há uma clara preocupação da autora com a sistematização do trabalho, através da atribuição de uma certa cientificidade e uma intenção em contribuir para uma racionalização da assistência, o que é uma marca das origens da profissão.

---

<sup>3</sup> Analisamos os TCC's dos pioneiros: Notburga Rosa Reckziegel (Diretora em 1963); Lucia Castillo (1954-Primeira diretora mulher da escola) e Seno Cornely (presidente do primeiro seminário latino-americano).



No TCC intitulado “*Organização do Serviço Social junto à Escola Pública Primária*”, Lucia Castillo apresenta o resultado da sua experiência junto à Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Assim como Reckziegel, a autora endossa o caráter educativo do trabalho do assistente social. Ao elencar diferentes “problemas sociais” enfrentados pelos “escolares” (“escolar doente, mal alimentado, com frio, desajustado do lar, mal orientado moralmente...”) reconhece que o Estado deve ser o responsável pelo cuidado e prevenção. Observa-se nesse quesito a incidência das ideias sanitaristas, retratadas através dessa experiência de trabalho. As questões de saúde, por esse método de trabalho, eram objeto de intervenção coletiva na comunidade escolar, reforçando uma tendência que apostava na educação para remediar problemas de saúde/doença. A autora também expressa um alinhamento com o projeto curricular do curso, demonstrando preocupação com o caráter metodológico do trabalho, sem se afastar dos preceitos católicos. Essa perspectiva está explícita através de referências diretas às Encíclicas Papais de Pio XII, a qual infere que a família é o ambiente natural e primário da educação, mas imperfeita. Desta forma, a comunidade deve incidir sobre a mesma, tendo em vista o “bem comum”. Por essa perspectiva, Jacques Maritain também é referenciado ao tratar do tema sobre a educação. A educação, por esse autor, é o “despertar do homem” e não treinamento de um animal, necessária para que sujeitos alcancem sua plenitude. O trabalho de Castillo se dedica à defesa do que chama de “Serviço Social Escolar”, onde tece sobre o papel do assistente social neste campo. Também sistematiza a relevância deste trabalho para o Estado, para a Escola, para a família e o escolar. No que tange às qualificações necessárias a este profissional para atuar nesta área, a autora defende uma formação especializada que dê conta de diferentes aspectos: intelectual, técnica e moral. Para este último aspecto, algumas “qualidades” devem ser adquiridas nessa formação: “compreensão, afabilidade, firmeza, boa vontade e espírito de união”. (IDEM, p. 20).

No TCC de Seno Cornely - “*Experiência de Serviço Social entre as comunidades do Rio Grande do Sul*” (1952) - realizado no SESI, destaca-se o uso da “técnica” de organização comunidade com o objetivo de formação de líderes do meio pesqueiro, além do estabelecimento da confiança, apontando para a importância de evitar “ações verticais estranhas ao povo” (CORNELY, 1952, p.1). O autor define a profissão como método científico que possuidor de “técnicas próprias e baseado em princípios, tende a ajustar ou reajustar o homem integral como particular (SS Caso Individual), como membro de um grupo (SS de Grupo) ou de uma comunidade (SS Organização de Comunidade), em vista de seus fins naturais e sobrenaturais” (CORNELY, 1952, p. 13). Para autor, o “Método



Básico do SS”, é a divisão entre três etapas de trabalho: investigação social, diagnóstico social e tratamento ou terapêutica social. Também defende a técnica de organização de comunidade para ajudar os sujeitos que vivem nesses locais a superarem sua condição de pobreza, resignação e desarticulação, através de uma intervenção participativa. O autor apresenta sua experiência no SESI, como visitador social na realização de levantamento das condições de vida de 15 colônias pesqueiras no RS, momento em que observa-se a valorização da “vivência do povo mar” e a denúncia das condições de pobreza absoluta da população pesqueira. Identifica-se no TCC os eixos da formação tanto da “vida física” como também da “vida econômica” numa conotação educadora e sanitária, tendência ilustrada através da experiência de trabalho retratada por Cornely.

Em síntese, destaca-se que o estudo de Reckziegel mostra a “conciliação” entre fé e técnica, manifestada num híbrido e indiscriminado uso do método da ação social no sentido de “valores cristãos” em combinação com base “técnica” Serviço Social de Caso. Já nos trabalhos de Castillo e Cornely se expressam a primeira fase da introdução da disciplina de DC no país no Brasil, que se caracteriza por uma concepção harmônica centrada no tripé indivíduo/família/comunidade, bem como numa concepção de participação com “conotação acrítica, apolítica e aclassista, pois toda sua dinâmica se move dentro dos horizontes apertados da localidade” (AMMANN, 2003, p. 45). Também se expressam a mudança da concepção higienista para uma concepção educativa e sanitária.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando os primeiros anos de funcionamento da ESSPOA, constata-se a presença de diferentes influxos sobre o seu processo de constituição e desenvolvimento, todos estes associados à conjuntura política da época. A Doutrina Social da Igreja exerceu forte protagonismo sobre os pressupostos da formação, principalmente pela vinculação à militância católica dos pioneiros da Escola. Observa-se também a presença da influência higienista no currículo profissional, associando a influência do Serviço Social norte-americano, que no período estudado, possui uma ênfase na metodologia de Casos, como evidenciam as experiências registradas nos trabalhos de conclusão de curso. Na experiência do Serviço Social gaúcho verifica-se a influência das primeiras formulações internacionais e nacionais do desenvolvimentismo nos anos iniciais de criação da escola e a realização de experiências práticas, sistematizadas nos trabalhos de conclusão de curso, antes mesmo da criação da Disciplina de Organização de Comunidade, após a primeira revisão curricular da escola, no ano de 1953.



## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. A. **Possibilidade e limites da teoria do Serviço Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: F Alves. 1983.
- AMMANN, S. B. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BULLA, L. C. **Serviço Social, Educação e Práxis: tendências históricas e metodológicas**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1992.
- CORNELY, S. Experiência de Serviço Social entre as Comunidades do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, PUCRS, 1952.
- ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DE PORTO ALEGRE. 1ª Série. **Documento histórico**. Sala Lúcia Castillo – PUCRS, 1945.
- GAZZOLA, T.; BULLA, J., KRUG, J. G. **O Serviço Social no Rio Grande do Sul: um estudo inicial de tendências**. Porto Alegre: PUCRS, 1977.
- GOMES, A. e PANDOLFI, D. **Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.
- IAMAMOTO, M. V., & CARVALHO. R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MANRIQUE, M.C. **História do Serviço Social na América Latina**. São Paulo:Cortez: 1984.
- NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e o Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ORTIZ, Roberto. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PINHEIRO, M. E. **Documento Histórico**. Serviço Social: Infância e Juventude desvalida (1939). Rio de Janeiro: Cortez, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Serviço Social: uma interpretação do pioneirismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Edições UERJ. 1985.
- RECKZIEGEL, N. R. **O Problema dos Deslocados e Refugiados da Guerra em nosso Meio**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Serviço Social de Porto Alegre. Porto Alegre: 1950.
- REIS, M. G. Discurso Pronunciado por Ocasão da Posse do Novo Diretor da Escola de Serviço Social de Porto Alegre. Documento Histórico. Sala Lúcia Castillo – **Faculdade de Serviço Social da PUCRS**. 1963.
- VASCONCELOS, E. M. (Org.). O movimento de higiene mental e a emergência do Serviço Social no Brasil e no Rio de Janeiro. In: **Saúde mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 127-180.